SamPer - cartografias cidadianas

movimento e expansão do olhar

Heliana Ometto Nardin

O MUnA recebe Lucimar Bello, sua sempre idealizadora, nesse ano de 2006, em que completa dez anos de projetos e muitas realizações.

Motivo de celebração para todos que abraçam a vida e seu(s) sentido(s), existência plasmada pela cultura e pela arte, que buscam o sensível que sustenta o insólito, canais do mundo e do jogo para sua inteligibilidade.

Ao abrirmos (e também nos expormos), integrando-nos às Cartografias propostas por Lucimar Bello, isso se torna ventura possível se o "latente e o manifesto", o "fora e o dentro", "o visível e o invisível" forem apreendidos por um pensar emocional que afeta os sentidos, que diz o mundo e a nossa silente condição humana, efêmera, carente de delicadezas.

Com esse entendimento, a curadoria da exposição se exerceu apurando o olhar não para o sucesso, mas para o relevante dando visibilidade aos seus focos de resistência e aos processos com os quais a artista se constrói e se revela. São processos em que ela, palavras suas, vem investindo, trans-vestindo, re-vestindo, re-existindo.

Curadoria como diálogo, interlocução que se deu em encontros preparatórios com Lucimar Bello e Claudia França, propositora desta disposição espacial. Ouso, ainda, afirmar acerca da presença, nessas Cartografias, do norte dado por Merleau-Ponty, o filósofo do *O olho e o espírito*, em que se utilizou a lanterna dos seus conceitos para clarear o dado perceptivo, o campo da arte e do conhecimento, atentando-se à densidade poética de ***SamPer - cartografias cidadianas***.

Assim, vejo a exposição em sua totalidade e os trabalhos apresentados nos diversos espaços da galeria exigindo que nos coloquemos nesse lugar prévio "no solo do mundo sensível e do mundo lavrado tais como são em nossa vida".

A linha, o desenho, a marca, a impressão, a forma. A seriação, o acúmulo, o precário, tão caros aos pós-minimalistas, são os protagonistas, concretos, dessa exposição. Revelam as ações simples deslocadas do cotidiano para o campo da arte, pela pulsão do que se quer expressar, vir-a-ser. Em *LevesPesosMemórias,* o gesto-movimento livre no espaço - ao ser gravado com pó de grafite e óleo de linhaça sobre o branco do papel, suporte mínimo de 6 x 6 cm - torna-se desenho, impressão de um gesto diário. Signos processados, por um ano e meio, recebem a anotação do dia/mês/ano e local da ação. Os dias de gestos não gravados permanecem registrados e também são expostos, pois tudo confere nobreza à jornada e faz parte do processo de criação de sentido(s). Vestígios do dia. Pretérito, que permanece no presente e por sua projeção se lança no futuro, reflete um estar-no-mundo e um vir-a-ser, o devir da arte.

Corpunculus são marcas corpóreas, desenhos da pele que permanecem nos adesivos utilizados para a reposição hormonal, guardadas durante o período em que Lucimar morou em Perdizes, São Paulo. Ao mudar de endereço deixou de guardá-los, o trabalho se encerrou, fechou-se um ciclo. Ao ser exposta essa celularidade espectral e fragilidade do visível, sendo o desenho, resíduo e decalque, quase invisível a olho nu, seu suporte transparente, superfície transpassada pela luz, pede que a parede interna do para-corpo da galeria seja revestida de cor, cor-pele para gerar opacidade e visão. Lupas, lentes vêm em auxílio do espectador. Tais células, tomadas individualmente ou em seu conjunto, remetem-nos ao dentro fora do corpo e da imagem, às relações corpo-mundo, ao interpsíquico, que só se realiza pela expressão, e, que interpela a nossa intersubjetividade possível.

"O artista aí está, forte ou fraco na vida, porém, soberano incontestável na sua ruminação do mundo", acode-nos Merleau-Ponty. Emprestando seu corpo ao mundo é que Lucimar Bello transforma o mundo em desenho, expressão sempre possível de ser vivida, vista e refletida. Vemos, neste trabalho, a seqüência natural de seu processo poético, o amadurecimento de uma visão e também a maturidade para encarar riscos. A ação, o movimento, um simples estar-no-mundo e o desenho resíduo, um não-estar-estando.

Manuscriptus, monotipias sobre papéis rasgados, anteriormente (1984) por ela anotadas num curso de Historia Moderna e Contemporânea compõem o tríptico exposto do processo tempo-imagem-memória. A cor no papel suporte é a pousada, causada pela passagem do tempo sobre tais guardados. A cor da monotipia contrasta e projeta outro tempo, assim como a forma impressa manifesta a experiência do movimento presença e do residual. Sustentam-se no espaço. De tudo fica um pouco, um pouco de tudo fica, fica sempre um pouco de tudo, segundo já nos alertou Drummond em "Resíduo".

No piso superior da galeria, o corredor, o não-lugar, por ser passagem de um espaço para o outro, abriga *CartasCorpus*, forma e cor. Mapas de Minas Gerais, São Paulo, Brasil e América do Sul, feitos de plástico, enrolados com linhas de bordar ou lastex, sempre três linhas e três cores, dançam, suspensos no espaço por um fio. A forma primeira transformada pela tensão do momento em outros territórios, não mais nomeáveis, propõe novos modos de percepção. O lúdico dado pelo contornar, ir e voltar, cruzar, abandonar, apertar e emendar. Uma passagem na outra o ir e vir constante para o outro e para si.

O inventar é sempre um formar-se no espaço-mundo habitado pelo ser. A visão pende do movimento.